

Barbosa, Raul Felix. Emoções em movimento: a construção do 'bom' e do 'mau' refugiado a partir das emoções. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 48, p. 87-96, dezembro de 2017 ISSN 1676-8965

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Emoções em movimento: a construção do 'bom' e do 'mau' refugiado a partir das emoções

Moving emotions: the construction of 'good' and 'bad' refugee from emotions

Raul Felix Barbosa

Recebido: 09.09.2017

Aceito: 30.09.2017

Resumo: A crise do refúgio na Europa deixou o público consciente do sofrimento dos refugiados a caminho do velho continente. Pode parecer óbvio que pessoas que fugiram da violência ou perseguição em seus países de origem, que muitas vezes viajaram por uma longa e perigosa jornada e que estão em um novo país cuja língua eles não falam e onde estão sozinhos, sem amigos ou familiares, sofrem com fortes emoções. A imagem forjada dos refugiados a partir dos sentimentos de tristeza e medo faz com que pensemos nesses indivíduos como vulneráveis e incapazes, mas na verdade, em muitos casos essas pessoas escondem suas emoções reais como raiva, ódio, vergonha e humilhação. Esconder as emoções é necessário, pois aos olhos da Europa o 'bom' refugiado, merecedor de proteção e do direito de residência naquele continente, deve ser submisso e estar em situação de dependência social. Essa pesquisa questiona a maneira como a necessidade de ser reconhecido como um refugiado 'real' impõe restrições à expressão das emoções dessas pessoas, e às vezes leva à repressão de emoções percebidas como 'inadequadas' a algumas situações. Para tal realizamos entrevistas de história oral com requerentes de asilo e refugiados durante as suas estadias na Itália. **Palavras-chave:** refugiados, emoções, estigmatização, integração, imigração

Abstract: The refuge crisis in Europe has left the public aware of the suffering of the refugees on their way to the old continent. It may seem obvious that people who have fled violence or persecution in their home countries, who have often traveled on a long and dangerous journey and are in a new country whose language they do not speak and where they are alone, without friends or family, suffer with strong emotions. The forged image of the refugees from the feelings of sadness and fear makes us think of these individuals as vulnerable and incapable, but in fact, in many cases these people hide their real emotions like anger, hatred, shame and humiliation. To hide emotions is necessary, because in the eyes of Europe the 'good' refugee, deserving of protection and the right of residence in that continent, must be submissive and in a situation of social dependence. This research questions how the need to be recognized as a 'real' refugee imposes restrictions on the expression of these people's emotions, and sometimes leads to the repression of perceived 'inadequate' emotions in some situations. To this end we conduct oral history interviews with asylum seekers and refugees during their stays in Italy. **Keywords:** refugees, emotions, stigmatization, integration, immigration

Introdução

O fluxo recente de refugiados para a Europa tornou o público em geral consciente do sofrimento dos requerentes de asilo e dos refugiados a caminho do velho continente. As imagens divulgadas pela grande mídia mostraram homens, mulheres e crianças que fogem da guerra e arriscam suas vidas na perigosa estrada para os países europeus. Pode parecer óbvio que pessoas que fugiram de violência ou perseguição em seus países de origem, que muitas vezes viajaram por uma longa e perigosa jornada e que estão em um novo país cuja língua eles não falam e onde estão sozinhos, sem amigos ou familiares, sofrem com fortes emoções.

Mas as políticas de acolhimento de refugiados e as representações predominantes de refugiados e requerentes de asilo, forjadas por anos pela mídia e pelo discurso político, criam expectativas específicas sobre as emoções mostradas por esses refugiados, e que muitas vezes é necessário demonstrar visivelmente certas emoções e reprimir outras para obter acesso ao status legal e à assistência social. Enquanto algumas emoções, como o medo ou a tristeza, são esperadas dos refugiados e dos requerentes de asilo e até mesmo ‘exigidas’, outras, como a vergonha ou a humilhação, estão mais escondidas.

Se os processos de integração e os regimes de acolhimento dos requerentes de asilo e dos refugiados incentivarem o compartilhamento público (Rimé, 2009) de emoções de medo ou tristeza e o uso dessas emoções para ‘provar’ a verdade da história do candidato a asilo, as emoções como vergonha, humilhação ou raiva são muitas vezes reprimidas em consultas com os funcionários governamentais responsáveis pela concessão ou não do direito de residência na Europa.

Nas interações entre os requerentes de asilo e os refugiados, por um lado, e os nativos do país de acolhimento, por outro, é uma questão, como em qualquer interação social, de ‘desempenhar um papel’, isto é, para mostrar emoções e reações supostamente de ‘por favor’ ao interlocutor. No caso dos requerentes de asilo e dos refugiados, as políticas restritivas que limitam o acesso ao *status* de refugiado, bem como a mídia dominante e as representações públicas apoiam essas políticas restritivas e estabelecem dicotomias fictícias entre os ‘bons’ e os ‘maus’ requerentes de asilo e os refugiados. É ainda mais difícil para esses indivíduos se apresentarem e mostrarem suas emoções. Na verdade, quando nos referimos aqui aos requerentes de asilo e aos refugiados que ‘desempenham um papel’, não questionamos de forma alguma a veracidade de suas experiências ou a validade de seus pedidos, mas acima de tudo indicamos que o sistema de asilo, como atualmente existe, impõe-lhes restrições muito fortes.

Essa pesquisa foi realizada com requerentes de asilo e refugiados que chegaram à Itália e questiona a maneira como a necessidade de ser reconhecido como um refugiado ‘real’ impõe restrições à expressão das emoções dessas pessoas, e às vezes leva à repressão de emoções percebidas como ‘inadequadas’ a algumas situações. Realizamos entrevistas de história oral com requerentes de asilo e refugiados durante as suas estadias na Itália, mais precisamente na cidade de Pádua¹.

Durante essas entrevistas, não perguntamos diretamente sobre emoções ou sentimentos, mas sim sobre as experiências desses refugiados durante sua jornada, chegada e assentamento. A comparação entre os discursos dos homens e das mulheres

¹ Nessa pesquisa realizamos entrevistas de história oral com 6 refugiados e solicitantes de refúgio de origem Nigeriana e Somali, três homens e três mulheres, na faixa etária dos 21 aos 46 anos, que estão assentados na cidade de Pádua, Itália. As entrevistas foram realizadas entre setembro e dezembro de 2016.

permitiu compreender as diferenças de gênero e analisar como as emoções estão intimamente ligadas às normas de gênero que existem em uma situação social específica. Nós conseguimos discernir entre as discrepâncias que podem existir entre as representações dominantes de um ‘bom’ refugiado ou uma ‘boa’ refugiada e as experiências desses e dessas requerentes de asilo e refugiados, por vezes, levam a sentimentos de vergonha ou humilhação que aumentam as emoções causadas diretamente pelo trauma do exílio. Poucos refugiados se referiram diretamente à vergonha ou humilhação, preferindo descrever os eventos traumáticos e o medo que os levou a fugir.

No entanto, no decorrer de nossas entrevistas, encontramos vergonha, humilhação ou raiva no discurso dos requerentes de asilo e dos refugiados. Essas emoções estão ligadas às mudanças rápidas em sua situação social e econômica, suas relações com as autoridades ou sociedades de acolhimento e a rejeição da ‘piedade’ ou ‘caridade’ que eles sentem e ‘se opõem’.

As emoções como um objeto político

Aqui vamos usar uma definição construtivista de emoções, que são consideradas construções baseadas em elementos somáticos e elementos cognitivos (Hochschild, 1990; Kemper, 1978). Se aceitarmos que a cognição desempenha um papel importante na construção das emoções, segue que as experiências sociais e culturais passadas e presentes, bem como o conhecimento, terão um impacto sobre como essas emoções são produzidas, sentidas e expressas. Em outras palavras, as emoções não são apenas expressões individuais, independentes da sociedade em que os indivíduos vivem, mas também um produto dessa sociedade.

Nesse sentido, as emoções têm uma dimensão política naqueles julgamentos sobre o momento e como eles devem ser sentidos, expressos e mostrados e são interpretados com o objetivo de regular a organização e o funcionamento de vários grupos sociais (Shields, 2005). Esta dimensão política é evidente quando se evoca as emoções dos requerentes de asilo e dos refugiados. É claro que na Europa, certos discursos políticos e de mídia criaram representações de refugiados ‘bons’ e ‘maus’ (Orgad, 2012): os primeiros seriam ‘vítimas inocentes’ que devem ser salvos e protegidos das repressões dos regimes ‘bárbaros’. Os segundo seriam os ‘fraudadores’, migrantes ‘ilegais’ que tentariam enganar o Estado para ter status legal. Estes refugiados ‘falsos’ ou ‘maus’ são representados como uma ameaça para as sociedades europeias e, por conseguinte, a sua expulsão é justificada para ‘proteger’ os Estados-Membros da União Europeia.

Ao tentar distinguir entre as duas categorias, as instituições políticas, jurídicas, burocráticas ou de mídia tentam usar as emoções visíveis ou expressas pelos refugiados como garantia da verdade ou confiabilidade de seu pedido de proteção. Para um candidato a asilo ou um refugiado, expressar e tornar visíveis as emoções ‘apropriadas’ se tornam uma questão crucial. Ao mesmo tempo, as emoções são instrumentalizadas na reprodução de ‘fronteiras institucionais’ entre ‘nacionais’ e ‘estrangeiros’ (Bauman, 2016; Boccagni, Baldassar, 2015).

A migração pode ser concebida como uma experiência particularmente emotiva (Vermot, 2015) e, sobretudo, a migração forçada, que muitas vezes ocorre em condições de extrema insegurança: violência ou perseguição causando partida, viagens perigosas e recepção incerta no país de destino. Condições que podem amplificar as emoções de migrantes. Apesar de a extensa pesquisa sobre a situação econômica, social ou jurídica dos refugiados trabalhar em políticas e legislação nacionais, regionais e internacionais sobre o tratamento do asilo e proteção de refugiados, poucos são os estudos que estão

interessados nas emoções desses indivíduos, apesar dos debates públicos cada vez mais influenciados por esta questão (Boccagni e Baldassar, 2015).

Durante as entrevistas com os requerentes de asilo e os refugiados para esta pesquisa, conseguimos observar que por trás das emoções ‘aguardadas’ como o medo e a tristeza – causados pelo fato de terem deixado o país por causa da violência e perseguições e terem um caminho perigoso até a Europa – eles mostraram sinais de outras emoções, muitas vezes vergonha ou humilhação. Essa vergonha geralmente parece estar relacionada à existência de uma discrepância entre as expectativas da sociedade de acolhimento sobre quais os comportamentos e sentimentos de um ‘verdadeiro’ refugiado e as experiências ‘reais’ deles.

A necessidade de desempenhar um papel e de estar em conformidade com as expectativas da sociedade de acolhimento, mostrando medo, desespero ou terror, pode causar outros tipos de emoções: humilhação, vergonha ou raiva. Essas emoções são muitas vezes menos visíveis à primeira vista (Katz, 2001), porque são emoções que não são ‘esperadas’ ou ‘apropriadas’ de acordo com as expectativas e as representações prevalentes sobre o que um refugiado deve ‘ser’. No entanto, ao ouvir e observar os requerentes de asilo e os refugiados é possível detectar essas emoções ‘invisíveis’.

A vergonha, uma emoção que muitas vezes não é muito visível, pode ser vista como “uma forma de sanção ligada à descoberta ou a revelação de uma identidade fundadora percebida ou pensada como socialmente vergonhosa, permitindo o controle social” (Vermot, 2015, p.2). A vergonha ou humilhação sentida por refugiados e requerentes de asilo pode ser vista como uma consequência das políticas europeias de imigração e asilo e das representações dominantes dos refugiados e da população majoritária. Estas representações, que estigmatizam os ‘falsos’ requerentes de asilo ou os refugiados presentes como ‘outros’, como uma ‘ameaça’ para as sociedades europeias (Bauman, 2016), tornam a identidade e a identificação desses indivíduos como refugiados vergonhosos ou estigmatizados.

A necessidade de ser um ‘bom’ refugiado e a produção de emoções ‘apropriadas’

A recepção dos requerentes de asilo na Europa tornou-se cada vez mais restritiva nos últimos anos e está resultando em taxas crescentes de rejeição (Valluy, 2009). Esta situação faz com que os processos de análise de asilo e a demora por uma decisão tornem-se ainda mais angustiante para os candidatos. As dificuldades na habitação, o acesso aos cuidados ou a falta de apoio social são adicionados aos problemas desses requerentes de asilo e aumentam sua vulnerabilidade. Poderíamos, portanto, esperar encontrar uma certa variedade de emoções entre os requerentes de asilo, dependendo das condições do exílio e da precariedade de sua situação.

Mas o que torna a questão mais complicada para essas pessoas, e o que as distingue dos outros tipos de migrantes, é a necessidade de produzir ou destacar certas emoções para convencer oficiais de imigração, juízes e outros que acompanham os requerentes de asilo e refugiados e analisam o mérito de seu pedido de asilo. A definição legal de um refugiado, conforme estabelecido na Convenção de Genebra de 1951², estipula que um refugiado deve estar fora do país de sua nacionalidade e não ser capaz ou não querer se beneficiar da proteção desse país, por medo da perseguição com base em um dos cinco motivos listados na Convenção (raça, nacionalidade, religião, opinião política ou pertença a um grupo social específico).

Para ser reconhecido como um refugiado, o requerente de asilo deve, portanto, convencer as autoridades do país de destino de que ele tem medo de perseguição caso retorne ao país de origem. Esta necessidade de produzir e exibir as emoções perante os

² Convenção das Nações Unidas relativa ao direito dos refugiados.

oficiais da imigração, juízes ou membros da associação que trabalham com os requerentes de asilo adicionam outra dimensão ao estudo das emoções dos requerentes de asilo. Além de uma dificuldade adicional para as pessoas constrangidas a produzir e desenvolver estados emocionais que nem sempre correspondem às suas emoções reais.

Um membro de uma associação que auxilia os requerentes de asilo a ‘preparar’ a sua história para ser apresentada perante a Polícia de Imigração Italiana (*Questura*), por exemplo, destaca a necessidade de “mostrar realmente que foram vítimas de violência, que eles sofreram e têm um medo real de retornar ao seu país”³. Eles devem, portanto, fornecer evidências materiais e um relato detalhado e coerente de suas experiências, ao mesmo tempo em que mostram – através de seus modos de falar, gestos e emoções visíveis – que eles ‘realmente’ experimentam as emoções descritas. As expectativas em termos de emoções ‘apropriadas’ são expressas em termos das normas dominantes de gênero.

Assim, para as mulheres, muitas vezes é esperado que elas chorassem contando sua história, especialmente quando foram vítimas de violência de gênero ou violência sexual (Freedman, 2008). Aqueles que não mostram sinais de emoções ‘apropriadas’, que não choram contando suas violações, por exemplo, correm o risco de ver seu pedido de asilo rejeitado por agentes de proteção e depois os juízes que não acreditam na veracidade de suas histórias de perseguição. Na verdade, não mostrar as emoções ‘esperadas’ pode implicar que a aplicação seja julgada ‘não credível’, levando a um julgamento negativo e a uma rejeição disso.

Este processo de produção e exibição das emoções ‘exigidas’ por um procedimento de julgamento oficial não é simples e acrescenta outra forma de estresse e preocupação durante as entrevistas oficiais. Diante da demanda por fazer emoções específicas visíveis, vários candidatos a asilo entrevistados expressaram sua consternação. Uma jovem nigeriana nos disse que, para ela, ter que mostrar suas emoções antes do oficial da *Questura* e então os juízes do Tribunal Italiano para solicitação de refúgio tinha sido uma experiência particularmente difícil: “Eu sou uma pessoa discreta. Não gosto de mostrar-me assim na frente das pessoas, não quero chorar em público”⁴. Outra mulher nigeriana conta como ela não foi capaz de compartilhar suas experiências durante a audiência e expressou seus sentimentos de vergonha quando teve que testemunhar: “Eu sabia que deveria lhes dizer tudo o que passei, o que eu sofri, que eu lhes mostrei como eu fui vítima de violência, mas não pude (...) estava com muita vergonha de dizer tudo isso”⁵.

Assim, a vergonha é causada por ter que testemunhar em público sobre experiências de violência e a necessidade de mostrar perante juízes, agentes de imigração ou outros os efeitos de eventos violentos ou traumáticos que forçaram o exílio. Como ressalta Bernard Rimé (2009), o compartilhamento social emocional pode reativar os componentes da experiência emocional compartilhada e as diferentes respostas que emergiram durante o episódio inicial. O compartilhar de emoções negativas pode, portanto, ser difícil. A revelação e exibição pública das experiências que se deseja manter ‘privadas’ e a injunção para mostrar publicamente as emoções de medo ou tristeza são, portanto, uma fonte de vergonha ou humilhação para os requerentes de asilo e os refugiados.

³ Entrevista realizada com um membro da direção da *Casa dei Diritti Don Gallo*, em Pádua. Outubro de 2016.

⁴ Entrevista realizada em outubro de 2016.

⁵ Entrevista realizada em outubro de 2016.

“Eles me acham um estúpido”: o processo de desqualificação social

Além da vergonha ou humilhação experimentada durante as audiências oficiais, quando eles têm que ‘desempenhar um papel’ para demonstrar que estão de acordo com as representações de refugiados forjadas através de políticas migratórias e de mídia dominante e do discurso político, e assim convencer funcionários ou juízes de imigração dos méritos do seu pedido de proteção, a vergonha expressada pelos requerentes de asilo e refugiados entrevistados muitas vezes parece estar relacionada à desqualificação social e econômica e seu status social em seu país de origem.

Essas pessoas, que muitas vezes têm um alto nível de educação e desfrutam de um estilo de vida confortável no país, encontram-se numa situação em que seu status social se deteriora consideravelmente. Na verdade, é extremamente complicado que alguns desses requerentes de asilo e refugiados trabalhem quando chegam à Europa ou que busquem uma atividade profissional que corresponda ao seu alto nível de qualificação. Essa desqualificação social, aliada a ter que mostrar em público, pedindo ajuda financeira ou material, gera sentimentos de vergonha nesses indivíduos.

Um homem somali que se reuniu na Itália com sua esposa e filhos, conta sua vida como um alto funcionário de um banco na Somália, onde ele morava em uma casa confortável, inclusive com empregados, dois carros, enquanto era respeitado por seus pares: “E agora você vê em que condições tenho que viver. (...) Não consigo comprar o suficiente para que os meus filhos possam comer”, e explica como os italianos que ele conheceu não entendiam sua situação e viram nele mais uma pessoa entre a ‘massa’ dos refugiados: “Eles nos veem como uma grande multidão, como pessoas pobres, mendigos (...) Eles não entendem que somos indivíduos, pessoas como elas, que tiveram vidas normais, dinheiro, trabalho”⁶.

Esta vergonha provocada pela desclassificação e a perda de status social são claramente sentidas de forma diferente de acordo com o gênero dos indivíduos, de acordo com as normas de gênero que operam na cultura de origem e no país anfitrião. Assim, os requerentes de asilo e os refugiados, especialmente quando acompanhados por membros da família, referem-se a esta ‘vergonha’ de não poderem atender às necessidades de suas famílias, que percebem como uma culpa em seu papel de pai e protetor masculino. Estes papéis de gênero, atribuídos aos refugiados pelas normas e culturas dos países de origem, foram reforçados pelas representações dos meios de comunicação, durante a jornada até a Europa (Allsopp, 2014).

Enquanto as mulheres são muitas vezes representadas como ‘vulneráveis’ ou ‘vitimadas’, os homens são mais propensos a serem ‘ameaças’ (ameaça terrorista, ameaça sexual às mulheres europeias por sua masculinidade) ou pais fracassados incapazes de proteger suas famílias. Essas representações também acentuam os sentimentos de vergonha sentidos pelos requerentes de asilo masculinos, que sofrem não só pelo declínio social e o não reconhecimento de seu status social anterior, mas também por questionar sua masculinidade quando não pode cumprir o seu papel como pai de família e protetor.

A vergonha que vem com o dismantelamento e as condições de vida dos requerentes de asilo são expressas um pouco diferente entre as mulheres que buscam refúgio na Europa. Estereótipos e representações de gênero não esperam que as mulheres tenham o mesmo papel que os homens, mas muitas vezes são retratadas como ‘dominadas’ ou ‘vítimas vulneráveis’, o que pode gerar vergonha. Assim, uma jovem somali de 27 anos relata suas interações com as autoridades e com a população italiana.

⁶ Entrevista realizada em novembro de 2016.

Ela sente que ela não é percebida como uma mulher jovem, independente e graduada que era quando morava na Somália:

Eu sou tratada como uma pessoa estúpida, porque eu venho de um país pobre e que passa por guerra civil, e pensam que todas as mulheres na Somália são dominadas por homens. E porque eu uso o *hijab*, todo mundo aqui pensa que estou dominada, que eu sou estúpida”⁷.

Aqui, a percepção de um declínio social combina a ideia de que, por causa de suas origens, sexo e vestimentas, essa jovem se encontra em uma situação em que suas habilidades e poder intelectual (*agency*)⁸ não são reconhecidos pelos outros. Se ela não fala a palavra ‘vergonha’, mas seus gestos e a maneira como ela descreve essa experiência parecem testemunhar esse pequeno sentimento ‘visível’. Outras mulheres entrevistadas também expressaram sua vergonha aos olhos dos europeus que os tratam como seres dominados pelos homens, sem qualquer poder de agir por si, especialmente quando se usa um *hijab*.

Paradoxalmente, categorizar essas mulheres como ‘vulneráveis’ ou ‘vítimas’ – categorias que sugerem que elas teriam maior necessidade de proteção – também podem causar e exacerbar sentimentos de humilhação ou vergonha. As políticas europeias de asilo baseiam-se na ideia de que a prioridade deve ser dada aos requerentes de asilo e aos refugiados ‘vulneráveis’, incluindo as mulheres. O problema é então como identificar pessoas ‘vulneráveis’, mas não envolver um grupo (por exemplo, mulheres) nesta categoria. Mesmo que seja categorizado como ‘vulnerável’ poderia permitir um acesso mais fácil à proteção internacional, algumas mulheres expressaram sua vergonha em serem categorizadas.

Uma nigeriana explica: “Eu vim aqui sozinha com meus filhos, sem um marido. Eu sou uma pessoa capaz, tenho força e coragem. Devo ser tratada com dignidade, não como uma mulher pobre que não conhece nada”⁹. Ser colocada nesta categoria de pessoas ‘vulneráveis’ pode ser interpretado por essas mulheres como uma falta de respeito ou reconhecimento de seu poder de agir, bem como a expressão de ‘piedade’. O que elas refutam.

Não precisamos de sua piedade

Vergonha e humilhação são também evidentes na relação entre requerentes de asilo e refugiados com as organizações e associações de acolhimento que os ajudam. Se o reconhecimento do status de refugiado deriva do direito internacional e deve, portanto, ser apresentado como um direito, nas representações dominantes de refugiados na Europa, a figura do refugiado é melhor visto como dependente de caridade ou piedade dos países de acolhimento.

Os sentimentos de humilhação ou vergonha experimentados pelos indivíduos que encontramos em nossa pesquisa muitas vezes estavam de mãos dadas com a sensação de ter pena. Em um estudo sobre os requerentes africanos de asilo na Holanda (Clare, 2014), todos os participantes compartilharam essa rejeição da ‘piedade’ como um julgamento negativo sobre eles. O fato de ser objeto de piedade ou caridade foi visto por esses indivíduos como vergonhoso.

As entrevistas realizadas na Itália revelaram essa pena, particularmente por parte dos atores associativos, como um gatilho para as emoções de vergonha ou humilhação

⁷ Entrevista realizada em outubro de 2016.

⁸ O termo *agency* é difícil de traduzir em português, mas significa o poder de agir e a autonomia de uma pessoa. Quando aplicado às mulheres, a ideia de *agency* está ligada à sua capacidade de agir de forma independente dos homens (marido, irmãos, familiares, etc).

⁹ Entrevista realizada em novembro de 2016.

entre os requerentes de asilo e os refugiados. Uma mulher nigeriana fala de sua experiência durante a distribuição de alimentos para os refugiados: “Eu não queria pedir comida, mas na verdade eu estava com muita fome, então não tive escolha, mas doía fazer aquilo”¹⁰.

Às vezes, os comportamentos daqueles que trabalham para essas associações podem até agravar a vergonha ou a humilhação sentida por esses requerentes de asilo e refugiados, especialmente quando o foco está em seu vício. Um refugiado somali relata suas conversas com um membro da Cruz Vermelha em Pádua:

“Fui lá porque estava com muita fome. Ele me deu um grande pacote de bolachas de chocolate. Mas eu não gosto de chocolate, então eu disse a ele, e eu perguntei se eu poderia ter qualquer outra coisa para comer. Mas então ele disse: “Eu pensei que você estava com fome, se você está com fome você tem que comer o que é dado”. E eu realmente me senti humilhado. Ele pensou que, porque eu estava com fome, eu tinha que aceitar tudo. Mas isso não é possível”¹¹.

Este tipo de comportamento por parte dos voluntários ou dos funcionários das associações parece bastante raro, mas a anedota mostra um problema fundamental nas relações entre os requerentes de asilo e os refugiados, por um lado, e aqueles que querem ajudá-los, por outro. De fato, esse ‘auxílio’ pode muitas vezes assumir a forma de ‘caridade’, colocando os requerentes de asilo e os refugiados em posição de ‘inferioridade’ social e dependência de seus interlocutores.

Erik Henningsen (2010, p.8) observa que, mesmo com as melhores intenções, as ações dos trabalhadores sociais às vezes criam mais problemas do que resolvem: “As atividades que estão planejadas para dar mais poder às pessoas interessadas podem aumentar sua dependência, atividades que deveriam ‘incluir-los’ na sociedade, podem de fato levar à sua estigmatização e privá-los de sua dignidade”. Para os requerentes de asilo e os refugiados, encontrar-se nessa situação de ‘inferioridade’ social em relação a assistentes sociais ou associações voluntárias, quando se trata de pedir ajuda, pode gerar sentimentos de humilhação e vergonha entre eles.

Conclusão

As políticas europeias de imigração e asilo criaram um sistema em que os requerentes de asilo e os refugiados são frequentemente representados como uma ameaça para as sociedades europeias ou como ‘fraudadores’ tentando enganar para ser reconhecidos como refugiados para ‘lucrar’ com essas mesmas sociedades. Diante dessas representações sociais, os requerentes de asilo devem provar que são refugiados ‘reais’, mostrando sinais visíveis de medo e trauma resultantes da perseguição. Mas esta injunção para mostrar seus medos e traumas no exílio também pode levar a outras emoções, em vez disso, à discrepância entre as expectativas e as representações dominantes da sociedade de acolhimento e as experiências desses requerentes de asilo.

Nossas entrevistas revelaram a vergonha desses indivíduos quando devem informar suas experiências de violência ou perseguição aos oficiais de proteção e ao juiz de asilo ou quando pedem ajuda às associações para atender às suas necessidades. As emoções de vergonha e humilhação também estão ligadas às representações dominantes dos papéis de gênero, os homens ficando envergonhados de não poderem assumir seu papel ‘masculino’ como pai e protetor de suas famílias. Por sua parte, as mulheres são muitas vezes vistas como ‘vítimas’ ou pessoas ‘vulneráveis’, o que também pode fazer

¹⁰ Entrevista realizada em dezembro de 2016.

¹¹ Entrevista realizada em novembro de 2016.

com que elas se sintam envergonhadas de não serem tratadas como seres independentes com seu próprio poder de agir. A vergonha e a humilhação são adicionadas a outras emoções mais geralmente ligadas ao exílio, como medo ou tristeza.

Procurar compreender as emoções complexas dos requerentes de asilo e dos refugiados pode ser um primeiro passo para o desenvolvimento de políticas e procedimentos de acolhimento e integração mais adequados para atender às suas necessidades materiais e emocionais. Como Richard Sennett (2008) argumenta, para tratar pessoas que dependem de auxílios sociais com respeito, é necessário torná-los autossuficientes. Para isso, é preciso buscar entender suas emoções complexas e não forçá-las a compartilhar socialmente as emoções das quais gostariam que permanecessem escondidas ou invisíveis.

Referências

Allsopp, Jennifer. Aggressor, Victim, Soldier, Dad: Intersecting Masculinities in the European 'Refugee Crisis'. In: Jane Freedman; Zeynep Kivilcim; Nurcan Ozgur-Bakacioglu (Org.). *A Gendered Analysis of the Syrian Refugee "Crisis"*. Londres: Routledge, 2014. p. 155-175.

Bauman, Zygmunt. *Strangers at our door*. Cambridge: Polity, 2016.

Boccagni, Paolo; Baldassar, Loretta. Emotions on the move: Mapping the emergent field of emotion and migration. *Emotion, Space And Society*, [s.l.], v. 16, p.73-80, ago. 2015.

Clare, Maria et al. You Keep Yourself Strong: A Discourse Analysis of African Women Asylum Seekers' Talk about Emotions. *Journal Of International Women's Studies*, [s.i.], v. 15, n. 1, p.83-95, 2015.

Freedman, Jane. Women's Right to Asylum: Protecting the Rights of Female Asylum Seekers in Europe?. *Human Rights Review*, [s.l.], v. 9, n. 4, p.413-433, 11 abr. 2008.

Henningsen, Erik. The Romantic Ethic in Outreach Work. *Revue Pluridisciplinaire de Recherche*, Paris, v. 2, n. 8, p.1-15, 2010.

Hochschild, Arlie. Ideology and Emotion Management: A Perspective and Path for Future Research. In: Theodore Kemper (Org.). *Research Agendas in the Sociology of Emotions*. Albany: State University Of New York Press, 1990. p. 117-140.

Katz, Jack. *How Emotions Work*. Chicago: University Of Chicago Press, 2001.

Kemper, Theodore. *A Social Interactional Theory of Emotions*. Nova York: Routledge, 1978.

Orgad, Shani. *Media Representation and the Global Imagination*. Londres: Polity, 2012.

Rimé, Bernard. *Le partage social des émotions*. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

Sennett, Richard. *Respect: The Formation of Character in an Age of Inequality*. Londres: Penguin Books, 2003.

Shields, Stephanie A.. The Politics of Emotion in Everyday Life. *Review Of General Psychology*, [s.l.], v. 9, n. 1, p.3-15, 2005.

Valluy, Jérôme. *Rejet des exilés: le grand retournement du droit d'asile*. Bellecombe-en-bauge: Éditions Du Croquant, 2009.

Vermot, Cécile. Capturer une émotion qui ne s'énonce pas. *Terrains/théories*, [s.l.], n. 2, p.2-17, 30 out. 2015.